

## **A erotização da natureza e a natureza erótica da poesia de Hilda Hilst e Paula Tavares**

Doutoranda Mailza R. Toledo e Souza<sup>1</sup> (USP)

### **Resumo:**

*Segundo a teoria ecofeminista, existem conexões históricas, simbólicas e teóricas entre a repressão e subordinação da mulher e a exploração da natureza. Assim, este estudo tem como proposta detectar nos textos de Hilda Hilst e Paula Tavares representações poéticas dessa interação entre mulher e natureza através da exploração da temática do erotismo*

**Palavras-chave:** Hilda Hilst, Paula Tavares, erotismo, poesia, ecofeminismo

### **Introdução**

Hilda Almeida Prado Hilst nasceu em Jaú, São Paulo, em 21 de abril de 1930, e teve uma produção literária que abrangeu poesia, dramaturgia e ficção ao longo de um período de meio século (1950 a 2000).

Dentro de sua vasta obra, a escritora trabalha temas variados como a morte, o amor, o erotismo, o medo, a efemeridade do tempo e a metalinguagem, de maneira peculiar e extraordinária, o que lhe rendeu a fama de uma escritora difícil e, por essa razão, não tão lida quanto merecia e queria ser conhecida. Hilst se destaca por tratar de questionamentos comuns a todo ser humano, como a existência de Deus, a sua atuação em relação ao homem e seu poder em nossas vidas. Essa universalidade fez com que muitos de seus livros fossem traduzidos para vários idiomas. Seu teatro é prova do alcance universal de sua obra, uma vez que foi dramatizado em italiano, francês, alemão e inglês.

Faleceu na madrugada de 04 de fevereiro de 2004, no Hospital das Clínicas da Unicamp. Foi sepultada no mesmo dia, no Cemitério das Aléias, em Campinas - SP.

Ana Paula Tavares, ou simplesmente Paula Tavares como é conhecida literariamente, nasceu em Lubango, província da Huíla, sul de Angola, em 30 de outubro de 1952. Estudou História na Faculdade de Letras de Luanda e de Lisboa. Posteriormente, em 1996, concluiu o Mestrado em Literaturas Africanas. É membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), da Associação Angolana do Ambiente (AAA), do Comitê Angolano do Conselho Internacional de Museus (ICOM), do Comitê Angolano do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e da Comissão Angolana para a UNESCO. Paula Tavares é uma das mais importantes vozes femininas da atualidade, no referente à poesia angolana. Como cidadã e escritora, participa ativamente do processo de construção e reconstrução de seu país tanto no âmbito histórico quanto no cultural/literário, revelando, ainda, em sua poesia as questões relativas à mulher enquanto um ser social e individual.

Hilda Hilst e Paula Tavares: duas mulheres, duas poetisas, a poesia de Paula Tavares, por um lado, versa, mais enfaticamente, a realidade social de seu povo; a poesia de Hilda Hilst, por outro lado, reflete, sobretudo, o despertar de uma consciência terrestre do ser, buscando, acima de tudo, Deus; mas ambas dialogam no sentido de repensar a situação da mulher no que tange a sua sexualidade e a sua importância fundamental na estrutura social, ou seja, embora não se limite a isto, há um evidente cunho feminista na obra delas que, aqui, será abordado comparativamente tendo como fio condutor o elemento erótico presente na obra de ambas.

## **1 Poeticidade, Erotismo, Emancipação Feminina: duas poetas, um diálogo**

Para se rever as questões relativas à condição da mulher, é essencial que o sujeito feminino exerça de fato seu papel de sujeito. Este exercício inicia-se com a tomada de consciência sobre o próprio corpo e suas relações com o prazer, impulsionando-a a progressivamente conscientizar-se de sua força, pois no ato erótico o ser humano põe “a vida interior em questão” (Bataille, 1987, p.27) promovendo simultaneamente o autoconhecimento:

*A experiência erótica interior do homem é dada no instante em que, rompendo a crisálida, ele tem consciência de se rasgar a si mesmo e não resistência colocada de fora. O ultrapassar da consciência objetiva, que as paredes da crisálida limitavam, está relacionado com essa mudança radical. (BATAILLE, 1987. p.36)*

É justamente essa ruptura que promove o crescimento e o enriquecimento, pois a experiência erótica é também, segundo o pensamento batailliano, uma experiência de transgressão a uma proibição, metaforicamente representada pelas “paredes da crisálida”, ao transgredir o ser humano liberta-se da razão repressiva, ao libertar-se, inverte a “moralidade civilizada” (Marcuse, 1978, p. 174) que lhe é imposta social/cultural/religiosamente.

Segundo Soares (1999, pp.102-103) ao transgredir à proibição, a mulher investe na construção de sua identidade, pois o autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo e à consciência de seu poder de transformá-lo, ou seja, ao romper com o modelo dominante da superioridade masculina, permitindo-se vivenciar sua sexualidade como uma experiência erótica, que busca o prazer e não meramente a reprodução, atuando na construção de seu próprio “eu” feminino, ela é capaz de atuar também como construtora da sociedade.

“As ações culturais e políticas estão intimamente ligadas através do movimento feminista, porque a política do corpo é uma descoberta de sua própria sociabilidade através da consciência das forças que o controlam e subordinam”(Bonnici, 2000, p.176). Esta citação reforça a idéia de que a temática erótica deve ser concebida em seu sentido estético e sócio existencial, estabelecendo a poesia/erotismo como um princípio de autoconhecimento, de conhecimento do Outro e do mundo, como fonte de reconhecimento da Natureza no próprio Ser.

Partindo desse princípio \_ do individual para o social \_ estamos também problematizando o global, pois segundo ecosofia guattariana (Guattari,2006), não precisamos necessariamente nos fixarmos no registro ambiental, para nos posicionarmos ecologicamente. Todo tipo de opressão impõe-se como uma questão ecológica. Assim, ao discutirmos as questões relativas a condição social da mulher na sociedade, de uma maneira particular, estamos discutindo o equilíbrio ecológico global, afinal:

*Por su función biológica de procreativdad las mujeres son consideradas mas cercanas a la naturaleza. Y tanto como la naturaleza es objeto para ser dominado también la mujer tiene que someterse al dominio patriarcal. Em esta lógic masculina patriarcal, la mujer es tratado como um recurso natural. (Lassak, 2004, p.270)*

Para que possamos nos deter especialmente às questões relacionadas à mulher e o erotismo na poética dessas autoras, consideramos primordial realizar uma leitura que contemple o erotismo como “uma poética corporal” e a “poesia uma erótica verbal” (Paz, 1994, p.12), desse modo, pensamos que será mais eficiente a discussão acerca da representação poética do processo de construção da identidade feminina através da liberação do desejo da mulher, como uma forma de romper com a ordem social estabelecida segundo os preceitos patriarcais, pois, segundo Bataille(1987, p.18): “O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas

constituídas. Digo: a dissolução dessas formas de vida social, regular que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos”.

Essa “dissolução das formas constituídas” é motivada no discurso hilstiano pela paixão que faz emergir uma mulher “Descompassada no de dentro da outra:”

Há um incêndio de angústias e de sons  
Sobre os intentos. E no corpo da tarde  
Se fez uma ferida. A mulher emergiu  
Descompassada no de dentro da outra:  
Uma mulher de mim nos incêndios do Nada.  
Tinha o dorso de uns rios: quebradiço  
E terroso. O peito carregado de ametistas.  
Uma mulher me viu no roxo das ciladas:  
Esculpindo de novo teu rosto no vazio.  
(Hilst, 1999, p.54)

Nos versos acima, o erotismo surge implicitamente numa sucessão de imagens/acometimentos surreais. Do primeiro ao último verso é possível visualizar um processo de transformação, ou melhor, de subjetivação. Dentro da economia verbal do poema as imagens nos remetem ao significado essencial da poesia para os surrealistas: “uma experiência, não algo que fazemos, mas algo que alternativamente nos faz e e nos desfaz, algo que nos atravessa: uma paixão” (Paz, 1984, p.161). Observa-se que esse processo é motivado por um sentimento amoroso confirmado no último verso “Esculpindo de novo *teu* rosto no vazio”.

Nessa linha de pensamento, o texto/imagem sugere o registro ou uma suspensão temporal do momento exato do gozo feminino, de fruição do prazer: “incêndio de angústias e de sons” que promove uma comunhão cósmica que elimina os limites entre o ser humano e a Natureza, pois eis que surge uma mulher que tem “o dorso de uns rios: quebradiço/ E terroso”, ou seja, uma mulher que se funde/confunde com a natureza, em um momento de profundo encontro do Eu consigo mesmo, no qual Eros é concebido como um percurso para o autoconhecimento, conforme nos orienta Bataille (1987, p. 29): “O erotismo, eu disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde.”

Essa mulher que emergiu “*Descompassada* no de dentro da outra” é emblematicamente a afirmação da identidade feminina em sua essência pois está além “Sobre os intentos”, enquanto “a outra” representa uma “identidade” forjada na/pela sociedade patriarcal.

Assim, as imagens suscitadas nos remetem, ainda que de uma forma indireta, a uma interação entre a mulher e a natureza, que por sua vez, nos faz pensar na ecosofia guattariana, segundo a qual o equilíbrio global só poderá ser alcançado com a conjugação de três ecologias: a social, a mental e a ambiental.

A interação entre a mulher e a natureza está presente também na poesia de Paula Tavares através de imagens que sugerem um entrecruzamento entre a natureza exterior (terra) e a natureza subjetiva (mulher), conforme notamos nos seguintes versos:

No lago branco da lua  
lavei meu primeiro sangue  
Ao lago branco da lua  
voltaria cada mês  
para lavar  
meu sangue eterno  
a cada lua

No lago branco da lua  
misturei meu sangue e barro branco  
e fiz a caneca  
onde bebo  
a água amarga da minha sede sem fim  
o mel dos dias claros.  
Neste lago deposito  
minha reserva de sonhos  
para tomar. (Tavares, 1999, p.11)

Nos versos acima, é possível observar o entrecruzamento terra/mulher nas imagens suscitadas em “misturar meu sangue e barro branco”. Essa associação entre a natureza externa (ciclo da lua) e a natureza subjetiva (ciclo menstrual) vem ao encontro da ecosofia guattariana ao sugerir que harmonização/integração entre o humano e a natureza os sonhos se renovam ciclicamente no processo de “..lavar/meu sangue eterno/ a cada lua”, ou seja, o sangue de mulher é aqui ressemantizado e alcança o estatuto de sangue da nação/terra constantemente derramado maculando a esperança de saciar-se a sede “no mel de dias claros”, dias de paz, de restauração e de uma nova história sendo construída.

Essa esperança, no entanto, se por um lado é maculada, por outro, é fortalecida pelos sonhos/forças guardados no lago para serem tomados no mesmo “instrumento” onde se bebe a “água amarga” e o “mel” - dois aspectos de uma mesma realidade -, ou seja, um instrumento gendrado a partir do corpo feminino e da natureza, o que intensifica os laços que unem a mulher à terra, metonicamente representadas na “caneca” cuja matéria prima é a natureza humana (sangue) e não-humana (barro branco) nesse ponto fica patente a ressemantização do corpo da mulher como corpo da nação: mulher/mãe África.

É recorrente na poética da Paula Tavares o resgate dos cheiros, frutos e costumes próprios de sua terra natal, Huíla, e da nação angolana como um todo. Essa associação dos elementos naturais pertinentes a terra ao elemento erótico humano é um dos recursos utilizado pela poeta para valorizar sua terra enquanto espaço geográfico e espaço social. Podemos assim, identificar na tessitura de suas obras uma espécie de fluxo e refluxo poético, uma vez que o eu-lírico constantemente se movimenta entre local/individual e o social/universal, e é nesse movimento que fundem-se o corpo da mulher e o corpo da mãe-África, conforme verifica-se também no fragmento a seguir:

Meu corpo é um grande mapa muito antigo  
percorrido de desertos, tatuado de acidentes  
habitado por uma floresta inteira  
um coração plantado dentro de um jardim japonês  
regado por veias finas  
com um lugar vazio para a alma  
(Tavares, 1999, p. 45)

## **Conclusão:**

Segundo Guattari, o equilíbrio global só será alcançado se houver um redimensionamento das articulações do ser humano com o meio ambiente, a sociedade e com sua própria subjetividade, as poéticas de Paula Tavares e Hilda Hilst dialogam no sentido de representar a busca pela emancipação da mulher através da representação poética do erotismo feminino vivenciado como um caminho para o autoconhecimento, o conhecimento do outro.

As imagens eróticas suscitadas nos poemas analisados nos remetem ainda aos pressupostos ecosófico de Guattari (1990, p.25) “Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecanosferas e Universos de referência sociais e individuais”. Este “pensar transversalmente”, com certeza, põe em cheque os pressupostos religiosos/culturais orientados pela visão judaico-cristã castradora e maniqueísta, na qual, principalmente a mulher é proibida de vivenciar sua sexualidade, pois a castração, seja ela da forma que for, emocional, mental, do corpo ou da linguagem e mesmo do corpo como linguagem, relega a sua vítima ao conformismo passivo, a uma espécie de aleijamento com sua própria natureza. Assim, partimos do princípio que ao imprimir poeticamente, o desejo, o gozo, o prazer erótico em sua escrita, fundindo erotismo e criação literária, essas poetisas, emblematicamente, transgridem as relações sociais de sexo-gênero. Essa transgressão, por sua vez, libera a voz dessa mulher reprimida e contribui para a construção de sua subjetividade e, por extensão, a instiga a vivenciar verdadeiramente sua emancipação.

### **Referências Bibliográficas:**

ABDALA JUNIOR, Benjamin *De Vãos e Ilhas: literatura e comunitarismo*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BEZERRA, Kátia da Costa. *Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia*

*angolana dos anos oitenta*. Estudos Portugueses e Africanos, Campinas: UNICAMP, n. 33 e 34, p. 49-58, 1999.

CHAVES, Rita. *A palavra enraizada de Ana Paula Tavares*. Via Atlântica / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas / Universidade de São Paulo. N.o. 4 :158-167, out.2000.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

CUNHA, Helena Parente (org.) *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

HILST, Hilda. *Do Desejo*. Campinas, Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Do Amor*. São Paulo, Massao Ohno, 1999

\_\_\_\_\_. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. [organização Alcir Pécora]. São Paulo: Globo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. [organização Alcir Pécora]. São Paulo: Globo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Estar sendo. Ter sido*. [organização Alcir Pécora]. São Paulo: Globo, 2006.

LEITE, Ana Mafalda. "A poesia angolana da geração de 80", *Luso-Brazilian Review* 33,2 (Madison, 1996).

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

PARMAGNANI, Claudia Pastore. *O erotismo na produção poética de Paula Tavares e Olga Savary*. Tese de Doutorado, USP/ São Paulo, 2004.

PEREIRA, Érica Anatóles. *A expressão do erotismo nas poéticas de Adélia Prado e de Paula Tavares*. Dissertação de Mestrado, UEL/Londrina, 2005.

SANTOS, Mailza R. *A realidade da poética de mulheres no Suplemento literário de O Estado de S. Paulo*. – 1964/1974: catalogação e antologia. Dissertação de Mestrado, UNESP/ASSIS, 2003.

SOARES, Angélica. *A Paixão Emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. port. de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, Papirus, 1990.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PAZ, Otavio. *A dupla cham: amor e erotismo*. 2.ed. trad. Wladir Dupont. São Paulo, Siciliano, 1995.

TAVARES, Ana Paula. *Ritos de Passagem*. Angola: U.E.A. 1985.

\_\_\_\_\_. *O Lago da Lua*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Ex-votos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

---

<sup>1</sup> Mailza R. Toledo e Souza  
Universidade de São Paulo (USP)  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Izarodrigues\_46@hotmail.com